

No Imbuí, uma estrutura de minicidade

Jornal A Tarde
Data: 13/10/01

Caderno: Local Pág. 4

Paróquia é uma "vitória da fé"

Ontem, os moradores do Imbuí fiéis de Nossa Senhora Aparecida tiveram um motivo a mais para comemorar o dia da padroeira do Brasil: o crescimento da paróquia e a quantidade de devotos. Os padres Oscar Echeverri e William Junieles são os responsáveis pela igreja, a única de Salvador que homenageia Nossa Senhora Aparecida. O coordenador da Pastoral do Dízimo, Antônio Borges, disse que desde 1982 os fiéis se organizaram em nome da santa, mas só no dia 13 de agosto do ano passado é que foi inaugurada a paróquia. "Isto aqui é uma vitória da nossa fé. Temos muito trabalho a fazer no bairro, mas estamos fazendo as coisas com calma, para que seja organizado e permanente", afirmou Antônio. Um dos trabalhos realizados pela igreja é a distribuição de cestas básicas às famílias carentes. De três em três meses, novas famílias são escolhidas e beneficiadas com a doação.

Para os fiéis, a inauguração da paróquia deu suporte aos devotos, que têm se multiplicado cada vez mais. A participação da comunidade foi destaque em uma das missas celebradas em homenagem a Nossa Senhora, no momento do Ofertório, quando as crianças carregaram uma bandeira do Brasil e cantaram o Hino Nacional, além de levarem a imagem da santa até o altar. "Esta é a nossa maneira de entregar o nosso País às mãos de Nossa Senhora, para que ela zele por nós e para que dê paz neste momento", disse Antônio, informando que uma pesquisa realizada pela comunidade no ano passado apontou 73% de católicos entre os 50 mil moradores do Imbuí.

Devoção

A devoção a Nossa Senhora Aparecida começou em outubro de 1717, quando pescadores do Rio Paraíba, na cidade de Aparecida, interior de São Paulo, recolheram uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, datada do século XVIII. Em 1931, a imagem foi levada ao Rio de Janeiro, sendo a santa aclamada padroeira do Brasil. Em julho de 1980, o papa João Paulo II inaugurou a atual basílica, que é o maior santuário mariano do País.

Foto: Arlindo Félix



Em pouco mais de 20 anos, a região urbanizou-se, cresceu verticalmente e hoje tem uma grande concentração populacional

NOSSO BAIRRO



VARIEDADE

Bairro tem bancos, shoppings e muitos outros serviços, mas problemas também

MÔNICA AMIN

O Imbuí, palavra tupi-guarani que significa "rio das cobras", cresceu, ganhou shopping centers, bancos, cinemas, padarias e, no ano passado, teve inaugurada a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, que homenageia a padroeira do Brasil – e do bairro. O local tranqüilo do passado hoje esbarra em um problema comum dos grandes centros: a violência e a falta de policiamento adequado. Os moradores já não se sentem mais seguros para sentar em frente aos condomínios e conversar despreocupadamente com os vizinhos. O que antes era parada obrigatória para um bate-papo ou uma cervejinha do fim de semana, agora se tornou ponto de consumo de drogas, seja à noite ou em plena luz do dia. "A gente anda aqui com medo. Os viciados não têm com o que se preocupar, porque a polícia não vem até aqui", queixou-se Amarildo dos Santos.

No verão, os transtornos dos moradores são ainda maiores, pois, além da insegurança, eles sofrem com as picadas dos mosquitos e o cheiro forte que vem do Rio das Pedras, conhecido como Cascão, devido à poluição e aos esgotos despejados em suas águas. "Aqui a gente, quando dribla os ladrões, não consegue fugir dos insetos e dos ratos que vêm do rio. É um sofrimento. Se o Imbuí, antigamente, foi a realização do sonho da casa própria para muita gente, hoje virou pesadelo", contou o administrador de empresas Antônio dos Santos Souza, que mora no bairro há 15 anos. "Vi o Imbuí crescer e agora está esquecido pela prefeitura", reclamou Antônio Souza.

A dona-de-casa Jussara Sampaio mudou-se para o Imbuí há um ano. Ela se considera privilegiada, pois mora em um dos condomínios recém-lançados e ainda não sentiu na pele as picadas do mosquito. "Quando a prefeitura faz a dragagem do rio, os mosquitos somem daqui e o mau cheiro, também. Ouço as pessoas falarem mal destas coisas, mas eu,

particularmente, ainda não passei por isto, porque moro em um andar alto e o prédio tem segurança 24 horas", admitiu Jussara, ressaltando que, por enquanto, só tem elogios para o bairro. "Aqui eu encontro tudo que preciso: bar, restaurante, banco, colégio para as crianças, farmácia e shoppings. Não há por que sair do Imbuí", acredita a dona-de-casa.

Buracos e barracas

Mas o desenvolvimento do Imbuí demorou para chegar. Nem sempre os moradores tiveram toda a estrutura de uma minicidade. O vendedor Carlos Alberto Lima contou que as pessoas achavam que ir para o centro da cidade era uma viagem. Ele lembrou que, na época, não havia calçamento adequado e os ônibus eram raros, sem contar com a quantidade de mato que margeava o bairro. "Foi dureza agüentar morar aqui neste período. Agora, 15 anos depois, temos outros problemas. Onde foi colocado asfalto existem os buracos e onde era mato tem barracas, que à noite ficam cheias de bêbados", comparou Carlos Alberto. As barracas, aliás, são características do Imbuí, pois elas foram colocadas estrategicamente na rua principal do bairro, a Rua das Araras, bem próximas à margem do rio. Aos poucos, os bares tipicamente de fim de noite ganha-

ram cara nova e convivem, harmonicamente, com as barracas de ponto de encontro da tarde e até com a que vende produtos naturais.

Nem o mau cheiro do rio nem os mosquitos, muito menos a bronca de alguns moradores, afasta os frequentadores tradicionais das barracas, que, para evitar problemas com os vizinhos, já colocaram cartazes alertando que é proibido ligar o som dos carros. A universitária Ângela da Silva disse que as barracas são as opções de lazer de quem mora no bairro, além de servir como ponto para paquera. "Comecei a namorar um cara vindo aqui na barraca. Não deu certo. O namoro acabou, mas sempre venho até estes barzinhos, para conhecer gente interessante, ouvir outras conversas e trocar idéias. Claro que depois que proibiram o som dos carros ficou melhor, porque dá para conversar sem ouvir o barulho terrível da mistura de sons", analisou Ângela.

Há nove anos Gabriela Santos Borges e seu marido abriram a barraca "Point do Açai". O local virou parada obrigatória para os *naturebas*, que passaram a levar a família para curtir os produtos do local, como sanduíches naturais e pães de batata, além do tradicional açai. "No início, o nosso público era só de jovens, mas agora os pais têm passado a frequentar também e está muito bom.

ONDE FICA



Editoria de Arte/A TARDE

As gerações convivem em harmonia aqui", disse Gabriela, garantindo que os mosquitos e o cheiro ruim do Rio das Pedras não chegam à barraca e não atrapalham o movimento de clientes.

Quem não mora no Imbuí não pode dimensionar os problemas e as vantagens do bairro. As queixas são várias, como a do morador Afonso Teles da Fonseca, que mora em um dos 48 prédios do Conjunto Marback, um dos primeiros a se instalar no Imbuí. "A gente não consegue nem sair direito, porque a violência está grande. As crianças não têm um lugar ideal para jogar bola, porque não temos quadra de lazer e,

ainda por cima, as ruas não são sinalizadas. Alguns carros acabam entrando na contramão e colocando a vida das pessoas em risco. Morar aqui ainda é bom, mas, além destes problemas, temos que procurar fazer com que as pessoas tenham mais educação, para vivermos em paz", espera Afonso. Seu vizinho Fernando Moreira de Souza concordou com estas dificuldades presenciadas pelos moradores do Marback, mas ainda apontou mais uma: o esquecimento. "Agora, com os prédios mais novos, a gente ficou esquecido aqui em cima. Ninguém se preocupa em melhorar nossa área", queixou-se Fernando.